

ASSOCIAÇÕES NEGRAS:

CACUMBIS, CLUBES RECREATIVOS, BLOCOS CARNAVALESCOS E ESCOLAS DE SAMBA DE FLORIANÓPOLIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX¹

Karla Leandro Rascke²

Resumo: A presente comunicação pretende discutir a organização de agremiações negras em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, atentando especialmente para espaços recreativos e lúdicos. Nossas fontes para este trabalho são: documentos impressos (textos, livros, poemas e fotografias, matérias de jornais, letras de composições, atas e estatutos de associações). Almejamos, a partir de expectativas, lacunas, observações e análises de contextos pós-Abolição em Santa Catarina (Brasil), refletir sobre as associações ou agremiações organizadas por populações de origem africana na capital catarinense na primeira metade do século XX, enfocando como empreenderam esforços no sentido de construção de uma ideia de cidadania possível. Procurando perceber os impactos das reformas urbanas e os desafios do universo pós-Abolição, lidamos com expectativas e projetos coletivos envolvendo educação, trabalho e cidadania. Neste sentido, cremos contribuir para a ampliação destes estudos em nosso estado e lançar novos desafios em termos de pesquisas que se fazem necessárias neste campo de conhecimento.

Palavras-chave: História. Agremiações Afrodescendentes. Florianópolis.

INTRODUÇÃO

Diferentes associações de origem africana existiram e existem no Brasil desde a instalação uma colônia nestas terras. A colonização, desde a usurpação territorial até a construção de um imaginário colonial, envolveu a utilização de mão de obra de milhões de pessoas do continente africano. A partir deste processo forçado, em diáspora, estes múltiplos sujeitos constituíram redes de relacionamento, sociabilidade e solidariedade. Organizar

¹ Este texto constitui parte de uma pesquisa em andamento sobre agremiações de origem africana em Florianópolis na primeira metade do século XX, compondo algumas reflexões iniciais de um dos capítulos em elaboração para a tese. Constitui uma proposta para discussão dentro do Simpósio Memórias da Diáspora Africana nas Américas, coordenado pelo prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso.

² Doutoranda em História Social pela PUC-SP sob a orientação da professora Dra. Maria Antonieta Antonacci, Mestre em História Social pela PUC-SP, professora de História da Rede Municipal de Florianópolis, pesquisadora associada ao NEAB-UDESC e ao CECAFRO-PUC/SP. Bolsista de Doutorado pelo CNPq. E-mail: karlaleandro@gmail.com.

agremiações compunha uma forma também de manutenção de laços culturais de matrizes africanas.

Tais espaços associativos pautaram suas preocupações em diferentes âmbitos - em especial no século XX, já consolidado o fim do regime escravista -, dentre os quais a educação e os processos de escolarização compunham repertório importante para a mudança em termos de situações de exclusão das populações de origem africana no pós-abolição, importando neste sentido, um distanciamento com a antiga condição cativa, vínculo com a escravidão passada. Assim, não apenas “homens brancos” teriam poder de registro escrito em atas e prestações de contas de irmandades, associações e clubes, mas homens e mulheres afrodescendentes, sujeitos atuantes quotidianamente na vida da cidade de Florianópolis, poderiam expressar pontos de vista e argumentações a partir da escrita, de uma linguagem formal. Uma linguagem combatente diante tensões e rearranjos republicanos, naquele período de reformas urbanas, cujos hábitos e marcas nos corpos permeados por códigos culturais africanos ainda expressavam um passado escravista não condizente com os objetivos da República.

Associações, clubes ou grupos possuíam interesses, expectativas e formas diversas de autodenominação, como de inserção de seus/suas afiliados(as). Em 1948, foi fundada oficialmente, por afrodescendentes, a Escola de Samba *Protegidos da Princesa*, existente ainda hoje em Florianópolis³. Assim como a Irmandade do Rosário, a Escola de Samba *Embaixada Copa Lord*, o Clube “Brinca Quem Pode”, o *Flor da Mocidade* e a *União Recreativa 25 de Dezembro*, o *Cacumbi*, os Blocos e os Ranchos, o *Figueirense Futebol Clube* constituíam territórios marcados pela presença e atuação de populações afro em Florianópolis no pós-abolição. Territórios marcados por códigos culturais de suas matrizes e cujos traços envoltos no samba, na religiosidade e nas expectativas de vida possibilitaram a criação e a consolidação de espaços múltiplos de vivências, memórias e histórias.

A ideia de mestiçagem contribuiu para consolidar no país uma nacionalidade pautada no Brasil mestiço, com traços europeus, indígenas e africanos (TRAMONTE, 2001; ABREU; DANTAS, 2007, p. 123-152). Um país com manifestações culturais de múltiplos tons, componentes de uma chamada cultura popular constituía a solidificação de uma identidade nacional, ainda que excluída e sofrendo rejeições que só sob o termo mestiçagem eram

³ Para maiores informações, acessar:
http://www.protegidos.com.br/index.php?action=megamod_01&icon=HISTORIA.png&sec=HIST%D3RIA

toleradas. O samba e as matrizes culturais populares tornaram-se elemento aglutinador desta identidade, de um país que voltasse a suas raízes, “que fossem ouvidas e valorizadas as lições das canções populares”, como assim intentava a política cultural da Era Vargas (ABREU; DANTAS, 2007, p.133). Assim, consideramos importante perceber em que medida estes discursos e propostas aliaram intenções governamentais, expectativas e anseios da população e de que forma homens e mulheres de origem africana compuseram seus espaços de sociabilidade, ora agregando possibilidades e aberturas do período, ora construindo seus arranjos de modo alheio às intenções governamentais.

Importa rediscutir a historiografia catarinense produzida e consolidada em torno de memórias que excluem e invisibilizam a presença e a atuação de origens africanas em Santa Catarina e em Florianópolis, discutindo os equívocos de uma visão sobre a “cidade agrícola baseada em núcleos familiares de trabalhadores livres, inspiradora de uma repulsa ao cativo e de um movimento abolicionista vigoroso intenso” (CARDOSO, 2008, p. 86). Esta visão, perpetuada por muitos(as) historiadores(as) que discutiram a escravidão e a emergência da chamada cultura açoriana, consolidou uma memória unilateral da cidade e das múltiplas culturas existentes em sua constituição.

Nossas fontes de pesquisa são: materiais do Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, em especial anuários, periódicos, Relatórios de Presidentes de Província e Estado de Santa Catarina e correspondências; documentação de constituições, documentos manuscritos e impressos sobre Florianópolis do Acervo da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Centro de Memória); fotografias, documentos manuscritos e impressos sobre Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida e Antonieta de Barros, intelectuais de origem africana do Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC); jornais e periódicos contidos na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina no Acervo de Obras Raras; Livro Atas da União Recreativa 25 de Dezembro, gentilmente cedida pela professora e pesquisadora Maria das Graças Maria, uma importante estudiosa do tema e parceira de trabalho e pesquisa; e, Estatutos de associações contidos no Acervo do Cartório Iolé Farias de Florianópolis, 1º cartório de registro de pessoa jurídica da cidade.

UMA CIDADE “MODERNIZADA”

Até meados do século XX, a maioria das reformas remodeladoras, higiênico-sanitaristas, estavam concretizadas. Homens e mulheres pobres, afros em sua maioria, sem seus casebres ou cortiços - transformados em “belos” sobrados em que pessoas “civilizadas” e homens de negócio teriam morada –, foram arremessados às periferias, contornos da região considerada então perímetro central. Serviços vistos como desqualificados, de baixa remuneração, mas imprescindíveis aos projetos políticos de modernização, constavam entre as inúmeras atividades, ações e experiências diárias destes sujeitos populares de origem africana (RASCHE, 2016).

A relação estabelecida entre estes territórios formados na cidade e nosso objeto de pesquisa refere-se ao fato de que muitos dos “migrantes” advindos das reformas urbanas compuseram as redes de sociabilidade e solidariedade em torno de clubes recreativos, blocos e escolas de samba, cacumbis e grupos voltados para a educação e escolarização dos afrodescendentes. Estes territórios formados por populações de origem africana vindas de diferentes municípios da Grande Florianópolis e daqueles(as) que saíram das regiões centrais da cidade, serão compreendidos, nos dizeres de Cardoso e Mortari (1999), enquanto “territórios negros”.

As reformas urbanas impactaram de diferentes formas sobre as populações afros do período, pois, além de expulsá-las de seus territórios centrais, demandaram reorganizações e a constituição de novos espaços de lazer e sociabilidades. Estes “territórios negros” podem ser pensados enquanto espaços físicos ou simbólicos, onde as vivências culturais afro-diaspóricas se reatualizam e reelaboram. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos constituía, e ainda hoje constitui, um território negro na cidade, situada, inclusive na mesma região central onde fora fundada no século XVIII.

No entanto, outros territórios negros se refizeram ou fundaram em diferentes locais, como é o caso de clubes recreativos, blocos e cordões carnavalescos, cacumbis, clubes de futebol e escolas de samba, não mais aqueles territórios do perímetro urbano central, visto que a urbanização os expulsara, impedira de viver em áreas ditas então modernizadas, europeizadas e esboçadas geometricamente de acordo com os “requintes” higienizadores das “picaretas”.

Estes diferentes sujeitos históricos e seus territórios culturais, espaços e memórias em disputa na cidade, implicavam olhares, preocupações e a necessidade de intervenção dos

poderes públicos, em diferentes âmbitos. Sendo assim, muitas práticas ocorridas em outras capitais e cidades brasileiras também se fizeram presentes nos gostos políticos de Florianópolis. As políticas de saneamento, de modernização e industrialização em vigor nas primeiras décadas do século XX, não ficaram restritas apenas às grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Em Florianópolis, as propostas políticas e reformas sanitárias revitalizaram as áreas centrais. As transformações nessas cidades também propiciaram a delimitação dos espaços, segregando grupos sociais e suas práticas culturais, através da demarcação de áreas habitacionais das elites, restando à população mais pobre as áreas periféricas.

Na década de 30, mais precisamente a partir da instituição do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937, as políticas de saneamento e modernização geográfica cederam o lugar de prioridade, para a construção de um ideal de nação, tendo como discurso principal a formação de um país com características próprias, de cultura singular e população trabalhadora e hospitaleira. A defesa de um ideal nacionalista se propaga, e se torna uma constante em diversos setores sociais. A educação, a saúde, a segurança e os meios de comunicação foram reestruturados para manter e fundamentar a ideologia de Vargas, mas foi nas produções culturais de massa que o governo estado-novista montou estratégias de propagação dos conceitos nacionalistas.

A ORGANIZAÇÃO DE AGREMIÇÕES DE ORIGEM AFRICANA EM FLORIANÓPOLIS

Na década da 1910, em Florianópolis, um grupo de letrados se organiza em torno de ideia de uma associação. Entre encontros, eventos e discussões também nas folhas de jornais, fundam, em 1921, alguns anos depois das primeiras conversas mais direcionadas, uma entidade, o Centro Cívico e recreativo José Boiteux. A percepção de que a educação significava possibilidades de ascensão social e prestígio compunham expectativas e investimentos destes homens e mulheres afrodescendentes. Ao mesmo tempo, adentrar perspectivas que envolvem as expectativas de afros até os anos 1950, marco da fundação das Escolas de Samba *Protegidos da Princesa* e *Embaixada Copa Lord*, implica pensar as vivências do samba, seus regimes de expressões em oralidades, intencionalidades educativas e

também posições políticas destas populações em suas composições, também preocupação da presente pesquisa em andamento.

Importa, neste sentido, perceber que estes diferentes territórios negros, espaços conformados em associações de caráter diverso, sinalizam formas comunitárias, não constituindo recreação isolada, mas apresentando universos culturais de povos de matriz africana, por meio de múltiplas associações, sejam elas *de novo tipo* ou *tradicionalis*⁴. O que percebemos, é que a “toada” da modernização e da urbanização, bem como os impactos da República e seus “intentos” de cidadania⁵, implicou reformulações e adaptações em associações religiosas, cívicas, lúdicas, recreativas e ditas “das letras”. Estas associações mobilizaram diferentes instrumentos – a caneta, o papel, o tambor, a dança, o ritmo – para reconfigurar seus territórios e pertencimentos.

Cordões, blocos e ranchos carnavalescos constituem formas organizativas do final do século XIX, permeados por foliões e uma corte real (no caso de cordões). Os cordões possuíam um estandarte, característica também das irmandades de origem africana, além de uma corte real composta por rei, rainha, príncipe, etc., (MESTRINEL, 2010, p. 1-10) remontando novamente a práticas culturais festivas já vivenciadas pelas irmandades. Elementos destas experiências associativas anteriores foram sendo reformulados, reeditados, reatualizados, atendendo expectativas e anseios dos grupos culturais. Também constituem elementos de conexão cultural entre irmandades e cordões, blocos e ranchos, o uso de diferentes instrumentos musicais, como o tambor, o cavaquinho, instrumentos de corda e sopro.

Conforme apontamos no trabalho *Irmandades negras: memórias da diáspora no sul do Brasil* (RASCKE, 2016), as festas de africanos e afrodescendentes no Brasil compõem-se de ritmos, sonoridades e contornos que fogem a entendimentos e visões ocidentais. Os como de príncipe, princesa, músicos, uma figura a conduzir o estandarte e o povo a prestigiar

⁴ Discussão apontada por Luiz Costa Pinto (1998), ao analisar os diferentes grupos e agremiações existentes na cidade do Rio de Janeiro em meados do século XX. Para o autor, sociedades *tradicionalis* envolviam as formas de organização em irmandades religiosas, cacumbis, reisados, enquanto as sociedades ou agremiações de *novo tipo* pautavam uma postura diferente em relação à escravidão e ao lugar social do negro brasileiro. Estas associações continham as lutas contemporâneas [dos anos 1950] destes grupos, dos problemas enfrentados pelo racismo e preconceito cotidiano.

⁵ Após a Abolição, segundo Costa Pinto, “[...] surgiram as premissas de um novo ciclo na história das relações de raças neste País: o negro passou a ter capacidade jurídica de cidadão, passou a ter igualdade teórica em relação ao branco e isto apesar de, por muito tempo, se conservar como uma igualdade puramente jurídica e uma capacidade puramente teórica de desfrutá-la, foi um acontecimento de importância decisiva no condicionamento das etapas posteriores pelas quais a situação deveria passar”. (PINTO, 1998, p. 274).

acontecimentos solenes em praça pública, aos olhos de todos, formaram cortejos desde o período colonial brasileiro, trazendo à tona viveres e saberes africanos pautados em formas próprias de compreender o mundo.

Elementos constituintes de práticas culturais destes diferentes grupos de africanos em diáspora foram se reelaborando e, após a Abolição, assumiram também novos contornos, consolidando novas formas associativas e de manifestações e reatualizações culturais. Podemos perceber estas transformações numa prática também comum desde o século XVIII no Brasil, depois ressignificada nos séculos XIX e XX, que são os cacumbis⁶, conforme ressalta Nirlene Nepomuceno, ao estudar esta prática festiva do ciclo natalino (termo que remete ao período das festas do Natal ao Dia de Reis).

Nessas cerimônias, o casal real, depois de eleito, era conduzido pelos súditos – escravos e negros e pardos livres e libertos – em procissão pelas ruas até uma igreja, em meio a cantos, danças e simulação de duelos com espadas. A *performance* tinha por fecho um farto banquete e baile (NEPOMUCENO, 2016, p. 203).

A autora remonta a experiências e vivências do cacumbi, em especial, no Espírito Santo, onde ainda atualmente esta celebração é comemorada em ritual festivo. Esta manifestação cultural de origem africana reatualizada em diáspora foi muito comum no Brasil e em Santa Catarina também constitui prática do passado e, em Tijucas, por exemplo, mantém-se atual este festejo.

Parte de um catolicismo popular, leigo e imbricado em expressões culturais de origem africana, o cacumbi compunha-se de uma devoção a Nossa Senhora do Rosário, semelhante ao que acontecia nas irmandades afros, destacando um cortejo celebrativo e religioso, formado por capitão e marujos que “disputavam a fé”. Em Florianópolis esta prática remonta a populações de áreas rurais de municípios da Grande Florianópolis que, no pós-Abolição, migram em direção à capital em busca de oportunidades de trabalho.

Muito sintomático perceber como diferentes aspectos de culturas de matrizes africana se vinculam a práticas de catolicismo dito popular, dado seu caráter leigo, gerenciado e vivenciado pelos devotos, cujo poder de articulação e decisão em vida associativa são marcantes e possibilitados pela Igreja. Esta situação sofre alterações quando a Igreja Católica,

⁶ Cacumbis, ticumbis, cucumbis, quicumbis, e outros termos semelhantes constituem grafias utilizadas para denominar uma prática de origem africana ainda muito frequente no Brasil, em especial em estados como Espírito Santo, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul.

por medida de Roma, no que se chamou catolicismo romanizador ou ultramontano, passa a atuar fortemente contra práticas antes realizadas pelas irmandades e outras associações religiosas de caráter leigo.

Neste sentido, cacumbis, irmandades negras, congadas e folias de reis tornam-se alvo de políticas da Igreja, no sentido de modelar e uniformizar o catolicismo, tornando-o menos popular, mais centralizado e controlador de práticas devocionais. Vivencia-se, de forma muito marcante em diferentes regiões do país uma intensificação de posturas reguladoras da Igreja Católica, tentando controlar musicalidades, instrumentos, sonoridades, ritmos, cantorias, procissões e tantos outros elementos constitutivos da vivência religiosa de homens e mulheres leigas (RASCHE, 2016; QUINTÃO, 2002).

Lisandra Macedo, a partir das fontes analisadas, enfoca aspectos da música popular em Florianópolis, nas décadas de 30 e 40 do século XX, “período que parece ser de maior importância para o estabelecimento de uma tradição musical popular e de uma identidade através da cultura nacional, tal como se pensa e se afirma entre o senso comum, hoje” (MACEDO, 2011). Pela escassez de informações mais precisas sobre o assunto, necessitamos atentar para a compreensão de que as escolas de samba são uma forma de constituição expositiva do samba, mas este enquanto fenômeno cultural e modo de vida transcende a experiência de escola.

A fundação das Escolas de Samba, além da organização de clubes recreativos, cacumbis, blocos e cordões, possibilitou uma nova realidade para as populações de origem africana. Nos anos 1940 e 1950, os espaços de inserção destas populações voltavam-se mais ao mundo do samba e do carnaval. Se, anteriormente, muitos afrodescendentes tinham sua imagem vinculada aos casos de polícia, a emergência das escolas de samba permitiu uma visibilidade positiva, baseada na cultura. No entendimento de Esiaba Irobi, trata-se de pensar as práticas culturais trazidas por estas populações em suas bagagens, as chamadas “escritas performativas” (IROBI, 2012, p. 252). Importa compreender como o corpo constitui “local de múltiplos discursos para esculpir história, memória, identidade e cultura” (IROBI, 2012, p. 277).

Ao tratar a experiência da diáspora africana, a inteligência do corpo, a performance, a dança constitui forte expressão de rememoração, sendo que práticas estéticas e corpóreas (IROBI, 2012) permitem lembrar ou manter laços culturais e identitários, como códigos

culturais de matrizes africanas (MACEDO, 2011, p. 16-18). Neste sentido, a música, a dança, principalmente quando envolviam performances corporais, constituíram formas de manutenção, reatualização e ressignificação cultural de Áfricas nas Américas.

Segundo Cristiane Tramonte, a escola de samba “é uma ação cultural que processa e organiza as relações sociais, econômicas e políticas da parcela que aí convive no que convencionamos denominar o ‘Mundo do Samba’” (TRAMONTE, 2001, p. 8). Para a autora, o samba constituiu e constitui tema de interesse de inúmeros estudiosos na questão da identidade nacional, “na configuração do que se convencionou denominar cultura nacional” (TRAMONTE, 2011, p. 13). Discutindo o samba desde sua formação, a autora aponta as modificações do movimento ao longo do tempo, enquanto era entrudo, depois sua pomposidade elitista e a mobilização das classes populares em torno do ritmo que as representava, em especial nas regiões periféricas dos centros urbanos.

Nas palavras de Muniz Sodré (1998), existe na música africana a chamada síncopa⁷, dita como a “batida que falta” e que, necessariamente, produz uma incitação ao preenchimento dessa espécie de “espaço” temporal existente entre uma marcação e outra. Segundo o autor, “tanto no *jazz* quanto no *samba*, atua de modo especial a síncopa, incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança” (SODRÉ, 1998, p. 11). O corpo, o ouvir, o falar, o cantar, produz movimento e, quando celebrado com vários corpos, mãos, falares, cantares, recria experiências, reatualiza vivências culturais. “Entre o tempo fraco e tempo forte irrompe a mobilização do corpo, mas também o apelo a uma volta impossível, ao que de essencial se perdeu com a diáspora negra” (SODRÉ, 1998, p. 67). Mobilizar o corpo, a performance, movimentar saberes, modos de vida alterados e ressignificados na diáspora.

No entendimento de José Ramos Tinhorão, as procissões realizadas em Portugal compunham-se de diferentes temas retirados da Bíblia e de lendas cristãs, sendo encenadas na forma de autos. Havia exibição de alegorias, muitos cantos, músicas, coreografias, formando um cortejo organizado em alas. Para Tinhorão, esta forma de disposição espacial e funcional antecipava, “em quase seis séculos, a criação, nas escolas de samba brasileiras, das chamadas alas, destinadas exatamente a abrigar, durante as procissões carnavalescas, os vários blocos de

⁷ “Síncopa, sabe-se, é a ausência no compasso da marcação de um tempo (fraco) que, no entanto, repercute noutro mais forte”; “A síncopa garantia a recriação ou reinvenção dos efeitos específicos dos instrumentos de percussão dos negros”. SODRÉ, 1998, p. 11; 31.

foliões encarregados de ilustrar o enredo ou tema geral do desfile” (TINHORÃO, 2012, p. 17). Neste sentido, os elementos constitutivos das procissões católicas assemelharam-se posteriormente ao carnaval, como forma de limitar estes festejos aos três dias, como vemos atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clubes recreativos, escolas de samba, irmandades religiosas, capoeira, cacumbi, boi-de-mamão e terno de reis tocados no orocongo, evidenciam presenças africanas na Ilha de Santa Catarina e seus entornos. Presença já registrada desde o século XVII, intentamos agora conhecer práticas de matrizes africanas vivenciadas em Florianópolis na primeira metade do século XX, momento de reordenamento da cidade, de migrações de áreas rurais para os contornos periféricos da cidade.

Oriundo de práticas do século XIX, o cacumbi envolve danças e cantoria. Marcado ainda, pela interlocução com outros grupos devotos a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, além das apresentações presentes nos carnavais da década de 1950. O Cacumbi do Capitão Amaro, presente até os anos de 1980, era do continente e, nos processos migratórios das primeiras décadas após a Abolição, passou a residir e organizar os festejos no Estreito, nas áreas próximas à comunidade da Colônia, fortemente marcada pela migração de origem africana no pós-Abolição.

No caso da Irmandade do Rosário, muitas foram as disputas envolvendo práticas culturais e cobranças de posturas por parte da Igreja Católica. Mesmo assim, após embates e reestruturações, a agremiação ainda está atuante, contando nos dias atuais com sua primeira provedora, mulher, negra, a Senhora Maria Teresinha Agostinho.

Convém ressaltar, para além destes territórios reorganizados nas reformas urbanas e ressignificados por seus pertencentes, algumas figuras ativas em Florianópolis e que marcaram também a construção dessa visibilidade positiva almejada por muitos homens e mulheres agremiadas. Antonieta e Leonor de Barros, Trajano Margarida, Ildefonso Juvenal da Silva e Demerval Cordeiro merecem nota nestas breves palavras, pois atuaram política e educacionalmente para criar possibilidades de ascensão social de descendentes de africanos nas primeiras décadas da República. Articulados em jornais, espaços políticos, constituindo

escolas e ministrando curso primário, propunham a educação como forma de ascensão social e melhores condições de vida.

Oportunamente, sabendo dos limites deste texto e das singelas passagens que aqui destacamos, cabe destacar que estes personagens, diante dos empecilhos impostos pela Academia Catarinense de Letras à participação de mulheres e de descendentes de africanos, fundaram seu próprio Centro, o Centro Catarinense de Letras em 1925. Articulando saberes letrados e vivências embebidas em memórias africanas, tratam-se de homens e mulheres pautados em lutas que consideravam importantes e necessárias no período.

Atentar para as experiências da diáspora inspira e remonta a entrelaçamentos e interações entre África e Brasil, numa experiência interconectada (MOORE, 2012). No entendimento de Amailton Magno Azevedo e Maria Antonieta Antonacci (2012), necessitamos perceber africanos e seus descendentes dentro “circuitos Europa/África/Brasil, privilegiando mediações culturais da diáspora negra”. Articular memórias, saberes e fazeres em contextos Atlânticos implica compreender trajetórias, vivências e histórias além dominações coloniais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. Música Popular, Folclore e Nação no Brasil, 1890-1920. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 123-152.

ANTONACCI, Antonieta Martines. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. São Paulo: EDUC, 2015. 2ª ed. ver. e ampl.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro: as experiências das populações de Desterro na segunda metade o século XIX**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

_____; RASCHE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot-Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de História da UESPI**, v. 5, n. 1, p. 99-121, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/95/108>. Acesso em: 16 set. 2016.

_____; MORTARI, Cláudia. Territórios negros em Florianópolis. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina - Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis – Ilustrada**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-Abolição. **Revista Topoi**, vol. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 118-139.

HALL, Stuart. **Sin Garantías**: trayectorias y problemáticas em estúdios culturales. Popayán: Enviñon Editores, 2010.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 44, p. 273-293, jun. 2012, p. 2012.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

MACEDO, Lisandra Barbosa. **Ginga, Catarina!** Manifestações do samba em Florianópolis na década de 1930. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, 2011.

_____. **Batucada Catarina**: alguns apontamentos sobre a Música Popular em Santa Catarina nas Décadas de 30 e 40. S/D.

MARIA, Maria das Graças. Clubes e associações de afrodescendentes na Florianópolis das décadas de 1930 e 1940. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013, p. 263-278.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. O samba e o carnaval paulistano. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, nº 40, fev. 2010, p. 1-10. Disponível em:
www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/texto06.pdf. Acesso em 25 abr. 2017.

MOORE, Robin. Música Negra e a Diáspora: reflexões sobre o Caribe Hispânico. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, jun. 2012, p. 305-319. (Tradução: Luciano Dutra). Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6300/9826>. Acesso em: 21 set. 2017.

NEPOMUCENO, Bebel. Cucumbi/Ticumbi: performances e memórias de uma África bantu. In: RASCHE, Karla Leandro; PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo (Orgs.). **Festas da diáspora negra no Brasil**: memória, história e cultura. Porto Alegre: Pacartes, 2016, p. 199-225, p. 203.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Irmandades negras**: outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870-1890). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

RASCHE, Karla Leandro. **Irmandades Negras**: memórias da diáspora no sul do Brasil. Curitiba: Appris, 2016.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **Festa de Negro em Devoção de Branco**: do carnaval na procissão ao teatro no círio. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

TRAMONTE, Cristiane. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa nas escolas de samba. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.